

AS CONSTRUÇÕES CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS DO PORTUGUÊS¹

Sanderléia Roberta LONGHIN

RESUMO *A clivagem constitui um mecanismo sintático de focalização recorrente em diversas línguas. Conforme os dados investigados, no português do Brasil, a clivagem se desdobra em cinco variantes, cujas configurações estruturais e condições de emprego são sutilmente diferenciadas, podendo ser explicadas, ao menos em parte, pelos mapeamentos gramaticais e informacionais de cada variante. Neste trabalho, ofereço uma definição de clivagem e de pseudo-clivagem mais precisa, em que considero as propriedades formais e semânticas destas construções focalizadoras. Tal definição, como se verá, deriva do clássico *Notes on Transitivity and Theme*, de M.A.K. Halliday, no qual são analisados os critérios que definem as estruturas gramaticais que dão conta do universo das *cleft sentences* do inglês. Mostro que os critérios empregados por Halliday parecem inteiramente válidos para o português e fornecem uma caracterização que abrange indistintamente todas as cinco formas de clivagem.*

ABSTRACT *Cleft constitutes a syntax mechanism of focusing recurrent in several languages. According to the data analysed, the cleft in brazilian Portuguese has five variants whose structural configurations and conditions of employment are subtly different. Those differences could be partially explained by grammatical and informational charts of each one of these variants. In this paper, I point out a more distinctive definition of the cleft and the pseudo-cleft constructions, in which I regard their formal and semantic properties. Such definition derives from M.A.K.Halliday's classical study, "Notes of transitivity and theme", where the author analyses the criteria that define the grannatucal structures on the cleft sentences in English. I propose that criteria used by Halliday can be completely valid to the study of brazilian Portuguese, offering a characterization that comprehends indistinctly all those variants.*

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, intitulada *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 19 de fevereiro de 1999, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Braga.

INTRODUÇÃO

Os principais recursos de que os falantes dispõem para realçar ou focalizar as porções de informação que julgam mais importantes ou salientes de suas mensagens são a entoação, a ordem dos elementos, o uso de partículas focalizadoras, tais como advérbios aditivos e restritivos, e o emprego de construções sintáticas específicas, comumente reunidas sob os rótulos de clivagem e pseudo-clivagem (Dik, 1989). Neste trabalho, me restrinjo ao exame das *sentenças clivadas e pseudo-clivadas* do português, construções capazes de mostrar, de forma não-ambígua, que os elementos de uma oração realizada são diferentes em importância comunicativa.

A clivagem (do inglês, *cleft*) é a segmentação do material sintático das orações em duas porções: uma focal, que recebe relevo entoacional, e outra não-focal que, além de carregar uma pressuposição lógica, contém uma parte semelhante a uma oração relativa. Em português, esta segmentação é feita pelo acréscimo do verbo *ser* e/ou *que(m)* à oração, e resulta em, pelo menos, cinco formas variantes, que denomino, em conformidade com Braga (1989), *clivada propriamente dita (CLIV)*, *construção É QUE (É QUE)*, *construção QUE (QUE)*, *pseudo-clivada (PC)* e *SER foco (SER)*. De (01) a (05) apresento os respectivos exemplos²:

- (01) **CLIV**: As grandes enxurradas no cristalino, na região da caatinga, provocam uma corrida de água muito rápida, há pouca retenção no solo, a agricultura de ciclo anual não vive, e é essa agricultura que alimenta o homem (CP:CF)
- (02) **É QUE**: A física também tinha estagnado depois de um grande avanço, depois da física nuclear, e não estava produzindo coisa nova. O novo vinha da genética. De fato, a genética é que produziu uma série de transformações (CP:FHC)
- (03) **QUE**: Em vez de falar sobre o “Memorial do Convento”, gostaria de falar de outro livro dele que amei mais, “O ano da morte de Ricardo Reis”. Esse livro que me empolgou. (CP:LFT)
- (04) **PC**: E nós não queremos a ditadura, evidentemente; o que queremos é um regime democrático, e um regime democrático tem certos princípios que não mudam muito (CP:DD,GST)
- (05) **SER**: E tenho encontrado ainda coincidência no sindicalismo moderno. Agora, eu encontro é uma certa ataraxia por parte da classe política (CP:HJ)

² Nos exemplos, uso o modo itálico para assinalar toda a sentença clivada, o modo sublinhado só para a marca formal de clivagem (por exemplo, é...que, é que, o que...é); e, o modo negrito para o elemento focal. Quanto aos dados, selecionei um conjunto de vinte e seis entrevistas, relativamente atuais, que integram o acervo *Certas Palavras*. O acervo compreende uma coletânea de documentos (fitas, fotos, cartas, roteiros, entrevistas, etc.) pertinentes ao programa radiofônico *Certas Palavras*, que foi ao ar no início da década de oitenta, pela emissora Gazeta-AM, em São Paulo. Todo material está disponível para consulta ou reprodução no CEDAE, do IEL/UNICAMP.

Por suas similaridades formais, as cinco formas de clivagem podem ser agrupadas em dois pólos. De um lado, as CLIVs, É QUEs e QUEs, que focalizam sempre o elemento mais à esquerda na sentença e, de outro, as PCs e SER, que focalizam sempre o elemento mais à direita. Como mostrei em trabalho anterior (Longhin, 1999), a opção do falante/escritor por uma ou outra parece estar relacionada tanto a fatores gramaticais (ordenação, função sintática e dimensão do constituinte focalizado) como a fatores discursivo-pragmáticos (a distribuição de informação, principalmente). Neste contexto, o presente trabalho persegue o duplo objetivo de i) definir clivagem e pseudo-clivagem de uma maneira mais satisfatória, levando em conta as propriedades estruturais e semânticas destas construções, e ii) distinguir o papel gramatical e informacional de cada um dos cinco tipos de clivadas do português.

1. DEFINIÇÃO DE CLIVAGEM

A definição de clivagem que discuto a seguir deriva, em grande parte, da abordagem de Halliday (1966-67), acerca das estruturas gramaticais *identificadoras* e *predicativas* do inglês, construções similares às nossas PCs e CLIVs, respectivamente. Embora a citada publicação seja bastante antiga, as noções que lançou permanecem válidas, no essencial, também para o português, e têm a vantagem de dar conta das cinco formas variantes de clivadas³.

(06) *A clivagem é uma operação sintática capaz de levar um elemento à função pragmática de foco, por meio da reorganização de constituintes sentenciais em um tipo particular de estrutura equacional que codifica uma relação de identificação. Nesta relação, se distinguem as funções de identificador e de identificando que, quando realizadas sintaticamente, são passíveis de reversão. A função de identificador é mapeada no constituinte focal e acrescenta um elemento de exclusividade, que dispara leituras de contraste. A de identificando, por sua vez, é mapeada numa nominalização, que compreende uma oração relativa com ou sem núcleo nominal. Toda clivada tem uma contraparte não-clivada relacionada a ela.*

A primeira observação que se faz necessária é quanto à noção de *função pragmática*. As funções pragmáticas, de acordo com a lingüística de orientação funcionalista, são aquelas que especificam o estatuto informacional dos constituintes oracionais, no interior dos contextos comunicativos mais amplos em que ocorrem. O

³ Para uma exposição mais detalhada dos critérios de Halliday aplicados a sentenças clivadas do português ver **Uma leitura hallidayana das sentenças clivadas do português**, de LONGHIN & ILARI (a sair).

contexto comunicativo é entendido, segundo Dik (1989), como as contínuas avaliações que falante e ouvinte fazem de suas respectivas informações pragmáticas, ou seja, de seus conhecimentos, crenças, sentimentos e preconceitos. As funções pragmáticas, por seu turno, podem ser exercidas por segmentos externos ou internos à oração. As funções que incidem sobre segmentos externos, muitas vezes referidas como deslocamentos à direita e à esquerda, não são sensíveis às regras gramaticais da oração, mas podem manter com ela relações de correferencialidade e paralelismo. As funções que incidem nos segmentos internos, muitas vezes referidas como tópico e foco, caracterizam respectivamente as coisas a respeito das quais falamos e as partes mais significativas ou salientes do que dizemos a respeito das coisas tópicas. Ainda que as funções de tópico e foco possam se superpor em certa medida, podendo haver elementos tópicos simultaneamente focalizados, aqui me limito à focalidade, já que a clivagem, objeto de investigação, é uma das maneiras de marcar formalmente o constituinte oracional que recebe a função pragmática de foco.

Outra noção que é preciso explicitar é a de *estruturas equacionais*. Para tanto, retomo parte da proposta de Halliday. As sentenças equacionais, segundo este autor, fazem parte de uma detalhada classificação de orações que se fundamenta em dois critérios, a saber, o tipo de processo expresso pelo verbo “ser” e os tipos de papéis desempenhados pelos participantes. Em resumo, as sentenças equacionais (ou extensivas) verbalizam uma ação e divergem sobretudo das orações atributivas (intensivas), que verbalizam a indicação de qualidades⁴. As clivadas constituem um subtipo de oração equacional, denominado *identificadora*, que é construído em torno da relação “x é igual a y” ou “x pode ser identificado como y”, em que “x” e “y” sinalizam duas funções semanticamente relacionadas, a de *identificando*, ou coisa a ser identificada e a de *identificador*, ou aquilo com o qual a primeira é identificada. Portanto, nas clivadas é estabelecida uma relação de *identidade* entre dois segmentos, um focal e outro não-focal, que coincidem respectivamente com as referidas funções de identificador e de identificando.

⁴ O quadro abaixo estabelece uma distinção mais precisa entre “equacional” e “atributiva”:

Tipo de sentença	Atributiva	Equacional
Paráfrases	<i>Pode ser caracterizado como/tem o atributo de ser</i>	<i>Pode ser igualado com/ é identificado com</i>
Exemplos	João _[partic.1] é rico _[atributo]	João _[partic.1] é o chefe _[partic.2]
Realização sintática	O atributo é obrigatório e sempre realizado por adjetivos ou palavras que funcionam como tal	O participante 2 é realizado por nomes, pronomes, sintagmas e orações, mas não por adjetivos.
Participantes	01	02
Particularidade	-	Reversibilidade

X	pode ser identificado com	Y
“o que queremos” (não-focal/identificando)		“um regime democrático” (focal/identificador)

Nas equacionais identificadoras, a função de identificador pode ser realizada por pronomes, nomes, sintagmas e até por orações completas. Já a função de identificando só pode ser realizada por uma *nominalização*. A presença da nominalização é a chave para a distinção entre as equacionais identificadoras e as equacionais “comuns”, do tipo “João é o chefe”. A nominalização é definida por Halliday, de maneira um tanto singular, como uma expressão que tem por núcleo um elemento-Qu ou um nome de significação genérica/classificatória, tal como “a coisa”, “a pessoa”, “o lugar”, “tempo”, “a razão”, “o modo”. Seguindo à risca os critérios de Halliday, temos respectivamente nos exemplos (07) e (08), uma PC cuja nominalização é uma oração relativa livre (“o que caracteriza essa geração”), e tipos particulares de PCs cujas nominalizações são orações relativas com núcleos nominais (“a coisa”, “as únicas pessoas”, “o único lugar”).

- (07) A geração daquela época acreditava que estava tudo ao alcance de sua mão e os jovens acreditavam que poderiam fazer, constituir, lutar por isso. O que caracteriza essa geração é o espírito de participação, uma profunda confiança em seu papel histórico. (CP:CF)
- (08) a. A coisa que me impressionou mais foi o tamanho do pão.
 b. As únicas pessoas que enchem a casa dele são as das radionovelas.
 c. O único lugar que Tito conseguiu visitar foi Goiânia.

Mas nem todas as estruturas equacionais que apresentam relativas encabeçadas por nomes são necessariamente PCs. As sentenças em (09), por exemplo, são identificadoras comuns (não-clivadas), pois o núcleo nominal (“cidade”, “compras”) tem um estatuto diferente que, do meu ponto de vista, elimina qualquer possibilidade de clivagem:

- (09) a. A única cidade que eu gostei mesmo foi Bahia e Rio.
 b. As únicas compras que fiz para minha casa foram duas cortinas.

As clivadas identificadoras, apesar da similaridade superficial com as *construções atributivas*, divergem profundamente das mesmas. Nas atributivas, a relação de atribuição se dá entre um atributo (“rico”), que é um constituinte obrigatório, e uma entidade (“João”), sendo construída em torno da fórmula “x pode ser caracterizado como y” ou “x tem o atributo de ser y”. No entanto, como sugerem os dados examinados, há ocorrências em que uma dada sentença se presta a mais de uma interpretação, como é o caso da sentença assinalada em (10), que admite ora a

interpretação de identificadora (clivada), ora de sentença atributiva. A leitura de identificadora resulta na paráfrase “quem vota em ladrão *é identificado como cúmplice*”, e é sustentada pelo fato de que só as identificadoras são reversíveis⁵ (“cúmplice é quem vota em ladrão”), comportam uma nominalização (“quem vota em ladrão”) e têm uma contraparte não-identificadora (“cúmplice vota em ladrão”). A leitura de atributiva resulta na paráfrase “quem vota em ladrão *tem a propriedade/atributo de ser cúmplice*” e é sustentada pelo fato de que só as atributivas têm complemento realizado por adjetivos.

(10) Eu tenho dito em comícios, que político não é ladrão e que se tem político ladrão, ele foi eleito, *quem vota em ladrão é cúmplice* (CP:FHC).

O fato de a estrutura equacional ser utilizada para identificar um determinado participante por sua participação num processo acrescenta um elemento de *exclusividade*. Assim, em (04) acima, é “o regime democrático”, e não o ditatorial ou outro regime qualquer, que é selecionado pelo falante para identificar “o que queremos”. Em outros termos, um elemento é selecionado para um determinado papel, em *exclusão* aos demais candidatos possíveis, gerando leituras de contraste por exclusividade. É por isso que se diz, na literatura lingüística, que as construções clivadas são adequadas para contrastar.

Segundo Taglicht (1984), o elemento contrastivo é aquele apresentado como fazendo parte de um par de opostos. Ele destaca que a relação contrastiva pode ser *explícita*, quando os membros do par de opostos estão presentes, ou *implícita*, quando somente um elemento do par está presente. Nas construções clivadas em análise, verifiquei que normalmente o contraste é implícito, sendo estabelecido entre um elemento presente na sentença, o focal, e outro (ou outros) que possivelmente está(ão) na mente do falante/ouvinte. Além disso, a análise dos dados revelou que freqüentemente a leitura de contraste é reforçada pela presença de algum tipo de marca formal. Uma delas é o *paralelismo sintático*, ou seja, paralelismo estrutural que pode existir entre pares de elementos opostos que geralmente se encontram em orações distintas como, por exemplo, os constituintes “*existe*” vs “*não existe*”, e “*uma solução geral para a crise universitária*” vs “*a necessidade de definirmos as forças reais que a cruzam*”, em (11). As outras formas se resumem na presença do advérbio restritivo *só* e de advérbios focalizadores do tipo *especialmente*, *precisamente*, *exatamente*, conforme os exemplos (12) e (13).

⁵ A reversibilidade, característica das identificadoras, mas não das atributivas, é explicada por Halliday em termos de voz. Nas orações identificadoras há dois participantes que podem alternar na posição de agente, enquanto nas atributivas só há um participante e é ele que é visado pela atribuição.

- (11) Não existe, hoje, eu acredito, uma solução geral para a crise universitária. *O que existe, isso sim, é a necessidade de definirmos as forças reais que a cruzam*. Eu diria que são pelo menos quatro forças. (CP:JAG)
- (12) Foi a propósito de uma conversa que ele teve com Che Guevara que fiz essas observações. *É só nesse momento que observo que Julião era um poeta, um homem de sensibilidade*. (CP:CF)
- (13) Ele me abraçou e disse: “Mas *é exatamente por isso que eu estou no Ministério*” (CP:PF)

Resta dizer ainda que toda sentença clivada/pseudo-clivada tem uma contrapartida não-clivada, que é sua equivalente, porém sem as marcas formais da clivagem: “é essa agricultura que alimenta o homem” vs “essa agricultura alimenta o homem”. Obviamente os efeitos de sentido produzidos pelas duas são diferentes, pois, como deve estar claro a esta altura, a clivada, em contraste à sua contraparte não-clivada, funciona como uma estratégia que *põe em relevo, focaliza, realça* constituintes oracionais. Portanto, além da divergência sintática óbvia, espera-se que os contextos em que a clivada é adequada sejam mais restritos⁶.

Enfim, a clivagem apresenta em português um quadro mais diversificado do que aquele do inglês, discutido por Halliday. A aplicação do modelo de Halliday às sentenças do português requer que se estenda a todas as cinco variantes clivadas o entendimento de que a clivagem é antes de mais nada *identificação* e que toda clivada se segmenta em duas partes, que funcionam como identificador e identificando. Não há maiores problemas em tomar esta decisão, pois em qualquer tipo de clivada, inclusive na construção QUE, caracterizada pela ausência do verbo *ser*, a sentença é construída em torno da relação “x é identificado como y”.

2. PROPRIEDADES INFORMACIONAIS

Nesta seção, mostro que o estatuto informacional dos elementos focais ajuda a explicar a opção por uma determinada forma de clivagem, em detrimento das outras. Inicialmente, busco uma classificação funcional dos tipos informacionais e, para isso, retomo algumas classificações conhecidas como, por exemplo, a de Halliday (1966-67), a de Chafe (1994) e a de Prince (1981). Na seqüência, analiso os resultados obtidos a partir do exame do tipo de informação veiculado pelos elementos focais das sentenças clivadas do português.

⁶ É o que acontece no caso em que a clivada serve como resposta a interrogativas não-polares. Por exemplo, a clivada “*foi ela que* interrompeu a viagem” é uma resposta gramaticalmente boa para “quem interrompeu a viagem?”, mas não para “o que ela interrompeu?”.

2.1. As propostas para a análise informacional

A hipótese geral que explica o estatuto informacional dos constituintes e a distribuição destes em uma sentença é um princípio funcional de localização da informação que estabelece que uma sentença deve apresentar elementos *dados* e *novos*, e que os primeiros tendem a preceder os segundos. O estudo da dimensão comunicativa da sentença, incluindo especialmente as noções de dado/novo e tema/remã, teve seu primeiro momento significativo com os trabalhos dos “lingüistas de Praga”, um grupo de estudiosos que inspirados na tese “funcionalista”, de que a estrutura lingüística manifesta reflexos das funções que a língua desempenha para os falantes, conseguiram separar e explorar duas noções distintas de comunicação.

As propostas para a análise informacional, que resenho a seguir, embora coincidam entre si, se fundamentam em critérios diferentes. Halliday (1966-67), por exemplo, tentou explicar a oposição dado/novo, partindo do exame de unidades informativas, que são blocos de mensagem delimitados fonologicamente. Nestas unidades, que não necessariamente correspondem a uma oração, interagem porções de informação dada e nova. O *dado*, que é opcional, é entendido como elemento recuperável no contexto prévio ou relacionado à situação de fala (presença óbvia dos falantes ou de alguma coisa e/ou pessoa saliente no ambiente). O *novo*, que é obrigatório, é entendido como elemento não-recuperável a partir do discurso precedente. É ele que mais recebe saliência fonológica. Além do efeito da não-recuperabilidade, o efeito de contraste, segundo Halliday, também determina o novo.

Chafe (1994) reconhece a existência de unidades entoacionais que, similares às unidades informativas de Halliday, contêm elementos dados e novos. Mas a explicação de Chafe para a oposição dado/novo leva em conta fatores cognitivos. O autor parte da noção de consciência, entendida como uma parte da mente que processa informações. A consciência tem por foco uma quantidade de informação ativa que, num certo tempo, se encontra envolvida por uma porção de informação semiativa ou periférica, que lhe serve de contexto. A todo instante são ativados novos conteúdos cognitivos, enquanto aqueles anteriormente ativos são transferidos para regiões menos dinâmicas da memória. Isto equivale a dizer que o foco de consciência é dinâmico e que as idéias circulam continuamente entre o que Chafe chama de *estados de ativação*: estado *ativo*, *semiativo* ou *inativo*, que caracterizam respectivamente as idéias que estão na consciência focal, na periférica ou na memória de longo termo. No domínio dos estados de ativação, Chafe estabelece que a informação *nova* é veiculada por um referente que é ativado num determinado instante, ao passo que a informação *dada* é veiculada por todo referente que já se encontre ativo, quer ele seja ou não familiar aos interlocutores. A terceira possibilidade diz respeito à informação *acessível*, ativada a partir de um estado *semiativo*.

Diferente dos primeiros, Ellen Prince (1981) se baseia em critérios textuais. Ela considera as menções no discurso para classificar as entidades em *evocadas*,

inferíveis e *novas*, com suas respectivas ramificações. Para ela, as entidades *novas* são aquelas introduzidas pela primeira vez no discurso. Suas subcategorias *totalmente novas* e *não-usadas* dizem respeito, respectivamente, a entidades criadas a partir do texto e entidades familiares ao ouvinte. As totalmente novas permitem uma outra subdivisão em *ancoradas* e *não-ancoradas*, conforme estejam ou não relacionadas, por meio de um elemento lingüístico contido nelas, a alguma outra entidade. As entidades *inferíveis* constituem o tipo mais complexo, uma vez que são detectadas por meio de inferências. Elas podem ser de dois tipos. As inferíveis *não-incluidoras* são aquelas em que o falante supõe que o ouvinte seja capaz de deduzir de outras entidades já evocadas ou inferíveis, via raciocínio lógico; enquanto as inferíveis *incluidoras* dizem respeito àqueles casos em que o que é inferido está contido dentro do próprio sintagma nominal inferível. As entidades *evocadas* também se subcategorizam em dois tipos: *textualmente evocadas*, aquelas já mencionadas no texto e *situacionalmente evocadas*, aquelas que equivalem a traços salientes do contexto extralingüístico.

2.2. O estatuto informacional das clivadas do português

Em meus dados, a aplicação das propostas mencionadas revelou a necessidade de algumas modificações, o que me levou a propor uma outra taxonomia, que não corresponde exatamente a nenhuma das anteriores. Assim, ao examinar o tipo de informação veiculado pelos elementos focais das clivadas optei por classificá-los em *evocados*, *inferíveis* e *novos*, mantendo os rótulos de Prince, mas entendendo-os da seguinte maneira: os referentes evocados são claramente recuperáveis no contexto (lingüístico ou extralingüístico) prévio; os referentes novos são os não-recuperáveis e também aqueles que embora recuperáveis, encontram-se em situações textuais/contextuais não-óbvias⁷; e, os inferíveis são aqueles referentes dedutíveis de outros por meio de diversos tipos de associação. A classificação foi atribuída a referentes de nomes e pronomes. Advérbios em posição focal foram deixados à parte. Os exemplos prototípicos são apresentados de (14) a (16):

- Elemento focal evocado:

- (14) Na verdade, toda essa gente foi levada pra lá pelo Mário Faustino. Me lembro muito bem que *foi ele quem convidou o Oliveira Bastos*, o Ferreira Gullar. (CP:HC)

- Elemento focal inferível:

- (15) O sanduichão de lá dá três dos sanduíche daqui. A barriga deles não é maior do que a nossa, não. É do tamanho da nossa. É que aqui falta comida, o pessoal

⁷ Como sugere Ilari (1992:138), uma expressão nominal é remática quando seu referente (mesmo que já no foco de atenção dos falantes) está envolvido em uma relação não-óbvia, que compreende uma coincidência particular, nova, entre um determinado participante e um papel temático.

padece de fome. Um país tão grande e organizado tão mal. *O que nós somos é um país faminto.* (CP:DR)

- **Elemento focal novo:**

- (16) Em segundo lugar, acho que seria de um grande bem para o brasileiro conhecer a boa literatura estrangeira. Em geral, *o que traduzem são best-sellers.* (CP:JCMN)

Em (14), “ele”, referente evocado, recupera “Mário Faustino”, mencionado antes. Em (15), classifiquei “um país faminto” como inferível, pois creio que seja dedutível a partir da associação com idéias que apareceram antes, ou seja, “que o povo brasileiro come pouco”, “que falta comida”, “que o pessoal padece de fome”. Já em (16), o referente do constituinte focal foi mencionado pela primeira vez e codifica informação nova para o discurso.

A análise quantitativa dos dados revelou que as CLIVs, É QUEs e QUE, por um lado, e as PCs e SER, por outro, estão em distribuição complementar. As primeiras são mais usuais na focalização de referentes evocados, ao passo que as últimas, na focalização de referentes novos⁸. Em outras palavras, há uma forte correlação entre o emprego das CLIVs, É QUEs e QUEs e a codificação, pelo segmento focal, de informação evocada; em contrapartida, quanto às PCs e SER, o resultado se inverte e a tendência é que o segmento focal codifique mais freqüentemente informação nova. Resultados similares foram obtidos por Geluykens (1988), Prince (1978) e Collins (1991), para clivadas do inglês, e por Sedano (1990), para clivadas do espanhol.

Sendo assim, a posição dos constituintes focais das clivadas pode ser explicada, ao menos em parte, pelo referido princípio funcional de distribuição de informação. Ou seja, se o foco das PCs e SER tende a codificar informação nova, é natural que seja colocado à extrema direita e, se o foco das CLIVs, É QUEs e QUE tende a codificar informação evocada, é natural que seja colocado à extrema esquerda.

3. PROPRIEDADES GRAMATICAIS

Seguindo a linha de investigação de Dik (1989), em que os mecanismos de focalização são analisados à luz do *escopo*, entendendo-se por escopo a parte da estrutura da oração que é colocada em foco, optei por verificar a *classe gramatical* e a *função sintática* do elemento focal de todas sentenças clivadas recolhidas para estudo. A análise dos meus dados sugeriu a existência de uma correlação mais ou menos forte entre certas classes/funções e o uso das cinco variantes clivadas. Ou seja, cada tipo de construção clivada parece se especializar na focalização de um

⁸ O número de referentes inferíveis se mostrou insignificante.

certo elemento gramatical, com considerável frequência. Ellen Prince (1978), em seu artigo pioneiro, observou que as primeiras diferenças entre as *it-clefts* e *wh-clefts* emergiam quando comparados seus domínios sintáticos. Segundo ela, ambas as construções aceitam sintagmas nominais na posição focal, mas sintagmas preposicionais e advérbios ocorrem preferencialmente nas *it-clefts*, enquanto sintagmas verbais e orações, nas *wh-clefts*.

Para as sentenças do português, sintetizo os resultados nas tabelas abaixo:

		Tipo de Clivada				
		CLIV	É QUE	QUE	PC	SER
Classe Gramatical	Substantivos	✓	✓	✓	✓	✓
	Pronomes pessoais	✓	✓	✓		
	Pronomes adjetivos	✓	✓	✓		
	Sint. Preposicionais	✓	✓			
	Sint. Adverbial	✓	✓			
	Sint. Verbal				✓	✓
	Oração				✓	

		Tipo de Clivada				
		CLIV	É QUE	QUE	PC	SER
Função Sintática	Sujeito	✓	✓	✓	✓	✓
	Objeto				✓	✓
	Circunstancial	✓	✓	✓		
	Predicado				✓	✓

As tabelas tornam mais salientes as diferenças entre as cinco variantes clivadas. Enquanto CLIV, É QUE e QUE se prestam à focalização de uma considerável variedade de elementos oracionais, o mesmo não acontece com PC e SER, que têm seu leque de opções bastante reduzido. Quanto à classe gramatical, a tendência é que pronomes, sintagmas preposicionais e adverbiais não apareçam no escopo das PC e SER, e que sintagmas verbais e orações não apareçam no escopo de CLIV, É QUE e QUE. Já no que diz respeito à função sintática, a situação é a seguinte: os referentes que ocupam a função de “sujeito” podem ser realçados por todas as variantes clivadas. A restrição existente fica por conta do estatuto informacional destes referentes, ou seja, se os sujeitos codificam informação nova, devem ser focalizados por PC ou SER, em caso contrário as outras três variantes é que são as prováveis focalizadoras. Condição similar determina também a focalização de referentes com as funções de “pronomes” e de “objetos” e “predicados”. No caso dos “pronomes”, elementos inerentemente evocados, são preferíveis as CLIVs, É QUEs e Que, ao passo que para “objetos” e “predicados”, elementos que normalmente figuram no final da sentença e que codificam informação nova, são preferíveis as PCs e SER, as duas variantes clivadas introdutoras de informação nova no discurso.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, analisei dados de fala para mostrar que o português do Brasil dispõe de cinco formas variantes de sentenças clivadas e que estas se encaixam em uma detalhada definição de clivagem que segue os moldes hallidayianos, ao levar em conta as propriedades estruturais e as relações semânticas codificadas por estas construções. Além disso, dei evidências de que cada tipo de clivada tem um mapeamento gramatical e informacional específico, o que explica em parte as opções de uso.

BIBLIOGRAFIA

- BRAGA, M. L. (1989) As sentenças clivadas no português falado do Rio de Janeiro. **Relatório apresentado ao CNPq**. (mimeo).
- CHAFE, W. (1994) **Discourse, consciousness and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. The university of Chicago Press.
- COLLINS, Peter C. (1991) Pseudocleft and cleft constructions: a thematic and informational interpretation. **Linguistics** 29, p. 481-519.
- DIK, Simon (1989) **The theory of functional grammar**. Parte I. Dordrecht: Foris.
- GELUYKENS, R. (1988) Five types of clefting in English discourse. **Linguistics** 26: 823-841.
- HALLIDAY, M. A. K. (1966-67) Notes on transitivity and theme in English, 2ª parte, **Journal of Linguistics** 3, pp. 199-244.
- ILARI, Rodolfo (1992) **Perspectiva funcional da frase portuguesa**. 2.ed., Campinas: Editora da UNICAMP.
- LONGHIN, Sanderléia R. (1999) **As construções clivadas: uma abordagem diacrônica**. Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP.
- _____. & ILARI, R. **Uma leitura hallidayiana das sentenças clivadas do português** (a sair)
- PRINCE, Ellen. (1978) A comparison of WH-clefts and IT-clefts in discourse. **Language** 54, 883-907.
- _____. (1981) Toward a Taxonomy of Given/New Information?. In Cole, P. (ed.) **Radical Pragmatics**. New York, Academic Press.
- SEDANO, M. (1990) Hendidas y otras construcciones con ser en el habla de Caracas. **Cuadernos del Instituto de filología "Andrés Bello"**. Caracas.
- TAGLICHT, J. (1984) Message and emphasis: on focus and scope in english. London: Longman.